

Avaliação da aprendizagem em História: tendências e perspectivas¹

Ana Paula Giavara²

Nayara Silva de Carie³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender como as investigações científicas na área de ensino de História têm contemplado o tema da avaliação da aprendizagem na disciplina. Para tanto, foi realizada uma pesquisa do estado da arte em publicações periódicas e acadêmicas (dissertações e teses) que contemplam estudos sobre o tema, as quais foram desenvolvidas no período de 2000 a 2020. A análise dos dados apontou que a discussão sobre a avaliação da aprendizagem em História no Brasil é recente e está em desenvolvimento. Ela se concentrou nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, na Região Sudeste do país. Buscou uma aproximação com as aulas de História e indicou a permanência de métodos tradicionais de aferição de conteúdos conceituais na disciplina. Apontou para a necessidade de estudos sobre avaliação que articulem diferentes epistemologias ligadas aos campos da avaliação, da Pedagogia das Competências e do ensino de História.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Avaliação da Aprendizagem; Estado da Arte.

¹ Fomento: Pró-reitoria de Graduação (Prograd) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte-MG, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5364-610X>. E-mail: anagiavara@hotmail.com.

³ Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte-MG, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9805-3917>. E-mail: carienayara78@gmail.com.

*Evaluation of learning in History: trends and perspectives***ABSTRACT**

This work aims to understand how scientific studies in teaching history have addressed the theme of learning assessment. To do so, we conducted a state-of-the-art study in periodical and academic (dissertations and thesis) publications on the theme developed between 2000 and 2020. The data analysis pointed out that the discussion about learning assessment in the History of Brazil is recent and ongoing. It focuses on Middle and High Schools in the Southeast region of Brazil. The results show an approximation to the history classes and indicate the continuation of traditional methods to assess conceptual contents in the subject. They also indicate the need for studies on evaluation that articulate different epistemologies connected to assessment, Pedagogy of Competencies, and the teaching of history.

KEYWORDS: History Teaching; Learning Assessment; State of the art.

*Evaluación del aprendizaje en Historia: tendencias y perspectivas***RESUMEN**

El objetivo de este trabajo es comprender cómo las investigaciones científicas en el área de la enseñanza de la Historia han abordado el tema de la evaluación del aprendizaje en la disciplina. Para ello, se realizó un levantamiento del “estado del arte” en publicaciones periódicas y académicas (disertaciones y tesis) sobre el tema, de 2000 a 2020. El análisis de datos mostró que la discusión sobre la evaluación del aprendizaje en Historia en Brasil es reciente y en desarrollo. Se centró en los últimos años de la enseñanza básica y media, en la Región Sudeste del país. Buscó una aproximación con las clases de Historia y señaló la permanencia de los métodos tradicionales de medición de contenidos conceptuales en la disciplina. Señaló la necesidad de estudios sobre evaluación que articulen diferentes epistemologías vinculadas a los campos de la evaluación, la Pedagogía de Habilidades y la enseñanza de la Historia.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de la Historia; Evaluación del aprendizaje; Estado del arte.

* * *

Introdução

O exercício de analisar a avaliação da aprendizagem em História na contemporaneidade necessita, prioritariamente, de uma compreensão das mudanças que incidiram sobre a disciplina nas últimas décadas. Falar de ensino de História hoje implica considerar as influências historiográficas, pedagógicas e contextuais observáveis no Brasil, sobretudo, da década de 1980 em diante. Nesse período, vislumbrou-se, por exemplo, o desenvolvimento de campos epistemológicos que têm se dedicado ao ensino da História, como a Educação Histórica e a Didática da História, bem como a chegada de discussões pertinentes à Pedagogia das Competências. Acresceram-se a isso as mudanças que incidiram sobre a forma de compreender a avaliação da aprendizagem nos currículos escolares.

Nesse sentido, pergunta-se, inicialmente, em que medida o debate sobre a avaliação da aprendizagem em História tem incorporado tais discussões. Buscando respostas, esta investigação se voltou para publicações periódicas e acadêmicas sobre esta temática, as quais foram realizadas no período de 2000 a 2020. Compreende-se que, nessa temporalidade, os escritos investigados poderiam apresentar a apropriação do debate epistemológico que incidiu sobre a História como disciplina, realidade perceptível desde as duas últimas décadas do século XX. Desse modo, foram escolhidos dois periódicos científicos cujos escopos voltam-se, prevalentemente, para o ensino de História. Em direção aos trabalhos acadêmicos, foram analisadas dissertações e teses em oito repositórios institucionais brasileiros.

Para além de uma análise quantitativa dos artigos, teses e dissertações, buscou-se identificar, qualitativamente, tendências e lacunas, delineando perspectivas que pudessem favorecer o desenvolvimento de outras pesquisas. São interrogações deste estudo: como as publicações analisadas tratam da avaliação da aprendizagem nas aulas de História?; qual etapa educacional é predominante nestas produções?; de que maneira o debate

epistemológico sobre o ensino de História é conduzido pelos autores?; como as discussões sobre o ensino por competências têm sido apropriadas pelas pesquisas? e qual modelo de avaliação tem sido reportado pelos trabalhos?

O recurso metodológico que viabilizou esta pesquisa foi o estado da arte. Seu uso justifica-se quando a intenção é compor uma cartografia da produção de grupos, periódicos científicos e programas de pós-graduação (Ferreira, 2002). Diferentemente das pesquisas de estado do conhecimento, o estado da arte possui natureza mais ampla e se propõe ao mapeamento da produção de mais de um campo de divulgação do conhecimento, como teses e dissertações, anais de congressos e artigos de periódicos. Assim, é possível “[...] apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação e identificar experiências inovadoras investigadas” (Romanowski; Ens, 2006, p. 39-40).

Este recurso viabilizou a identificação dos pesquisadores envolvidos no debate, bem como da maneira como a avaliação da aprendizagem em História foi considerada por eles. Por conseguinte, realizou-se uma análise verticalizada entre os achados, chamados aqui de tendências, e as questões teóricas que envolvem epistemologicamente o tema no atual cenário do ensino de História enquanto campo de pesquisa. A partir deste movimento, buscou-se pensar, de maneira mais ampla, quais seriam as perspectivas para a utilização da avaliação nas aulas de História, tendo em vista seu relevante papel como instrumento formativo e facilitador de aprendizagens. Como ponto de partida, são apresentadas aqui as principais transformações pelas quais passou o ensino de História na atualidade, com destaque para a Educação Histórica, a Didática da História, a Pedagogia das Competências e a avaliação formativa.

Transformações ocorridas no ensino de História: alguns apontamentos

As discussões pertinentes ao campo da Educação Histórica se desenvolveram a partir dos anos de 1970 em países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá. Estes estudos têm buscado compreender os

princípios e as estratégias da aprendizagem em História pelos sujeitos (Barca, 2001). São regidos pela ideia de que a apreensão de saberes se processa em contextos concretos, em um processo ativo de interações entre sujeito e objeto, gerando reestruturação de construções mentais. No Brasil, a influência dessas reflexões na produção sobre o ensino de História se intensificou na última década do século XX e encontra-se em pleno desenvolvimento. Nas palavras de Barca (2001, p. 13),

Neste campo de pesquisa, os investigadores (com formação em História, Filosofia da História ou Psicologia cognitiva) encetaram a tarefa sistemática de estudar os princípios e estratégias da aprendizagem em História, de crianças, jovens e adultos. Como pressuposto teórico, partem da natureza do conhecimento histórico e, como pressuposto metodológico, empreendem análise de ideias que os sujeitos manifestam em e acerca da História, através de tarefas concretas.

Outra importante contribuição para as pesquisas do campo da metodologia do ensino de História tem sido proveniente da Didática da História (Geschichtsdidaktik), surgida na Alemanha Ocidental, a partir da década de 1960, como resposta à crise de legitimidade atravessada pela História enquanto ciência e disciplina escolar. Tal crise demandava dos historiadores uma reflexão mais ampla sobre as relações entre a História acadêmica (produzida pelos historiadores), a forma como os sujeitos se relacionavam com a História na vida prática e a educação escolar, de modo a conferir um papel legitimador aos saberes históricos que ultrapassavam os interesses nacionalistas e ideológicos do Estado. Desse modo,

(...) as perspectivas da Didática da História foram grandemente expandidas, indo além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola. A Didática da História agora analisa todas as formas e funções do

raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar (Rüsen, 2006, p.12).

A partir da década de 1980, os preceitos da Didática da História alemã e da Educação Histórica passaram a influenciar mundialmente as pesquisas sobre o ensino de História apontando, por exemplo, para a necessidade de se desenvolver, em situações de ensino-aprendizagem, o contato com outros conteúdos, para além dos chamados substantivos ou de primeira ordem, tais como colonialismo, Revolução Industrial, capitalismo, dentre outros. Desse modo, tais preceitos apontaram para os conteúdos de segunda ordem, também chamados estruturais, cujo significado se relaciona à compreensão das ações dos sujeitos ao longo do tempo e às noções de causalidade, permanência e mudança no processo histórico. Tais conteúdos não são em si o que a História “trata”, mas eles moldam a nossa forma de construir a História (Lee, 2016).

Do mesmo modo, os estudos oriundos desses campos epistemológicos também indicaram que o processo de aprendizagem em História perpassa a apreensão dos conteúdos procedimentais pelos sujeitos, o que significa conhecer os procedimentos utilizados pelo historiador no processo de criação da narrativa histórica, tais como seleção e análise de fontes, elaboração de roteiro e análise de entrevistas, análise de conteúdo, análise das ações humanas em diferentes períodos e suas relações de continuidade e ruptura com o presente. Tais procedimentos estão, por sua vez, atrelados à ideia de que o processo de ensino-aprendizagem se alicerça nos conhecimentos prévios ou tácitos dos estudantes sobre conceitos de primeira e de segunda ordem e dependem da participação ativa deles na mobilização de conhecimentos distintos para a resolução de problemas de natureza histórica.

Tais mudanças no modo de pensar o ensino de História e o papel que ele exerce na experiência dos sujeitos com a temporalidade na vida prática impactaram também a noção de avaliação da aprendizagem, que passou a ser cada vez mais compreendida como parte do processo de produção e de apropriação dos objetos do conhecimento histórico no ambiente escolar. Assim, a avaliação em História adentrou a esfera formativa, estando presente ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem, contemplando estratégias que permitam que os estudantes desenvolvam habilidades relacionadas à mobilização de diferentes tipos de conceitos, conhecimentos e atitudes no confronto com situações diversas do cotidiano.

Essa concepção de avaliação da aprendizagem está em consonância com os documentos curriculares que orientam, na contemporaneidade, a disciplina de História na Educação Básica, tais como os PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), e a BNCC, Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Estes currículos têm sido organizados pela lógica das competências que, segundo Perrenoud (1999, p. 10), pode ser compreendida como a capacidade que os sujeitos devem possuir para agir de maneira eficaz em diferentes situações da realidade, apoiando-se em conteúdos conceituais, mas sem limitar-se a eles.

Afinada com essa perspectiva, Roldão (2009) compreende que a competência é a capacidade de o sujeito mobilizar adequadamente diversas habilidades, selecionando-as e integrando-as de forma ajustada às situações desafiadoras com as quais ele se defronta em seu cotidiano. Dessa forma, agir de maneira competente exige uma base sólida e ampla de conteúdos, sejam de natureza conceitual, procedimental ou atitudinal. Para a autora,

A competência distingue-se pela capacidade que o sujeito manifesta de mobilizar/organizar adequadamente, em situação, a constelação de saberes de vários tipos, predisposições, capacidade de análise de que dispõe e que a situação requer. A competência não é a aplicação de um saber,

a competência é, neste entendimento, um saber em uso, activo e actuante (Roldão, 2009, p. 591).

Para exemplificar uma competência no campo do ensino de História, pode-se citar a empatia histórica, compreendida como “[...] uma realização, algo que acontece quando sabemos o que os agentes históricos pensaram, em que contexto viviam, como entenderam determinada situação, quais eram os seus objetivos e o que fizeram” (Lee, 2003, p. 20). A aquisição desta competência envolve a apreensão de habilidades procedimentais, tais como a leitura de fontes e a produção da narrativa, o domínio de conteúdos de primeira e de segunda ordem, bem como a compreensão das ações e das motivações dos sujeitos em seus contextos de ação. Por fim, o estudante detém determinada competência quando consegue mobilizar este conjunto de conhecimentos e habilidades na resolução de problemas de natureza histórica.

No campo da avaliação, os documentos curriculares, PCNs (Brasil, 1998) e BNCC (Brasil, 2018), apresentam uma perspectiva de avaliação formativa que, segundo Loch (2000, p. 31), não se resume a dar notas, aprovar ou reprovar, mas tem como objetivo a construção de um processo de ensino-aprendizagem, de modo a buscar a autonomia dos sujeitos. Nas palavras da autora, avaliar

[...] não é dar notas, fazer médias, reprovar ou aprovar os alunos. Avaliar, numa nova ética, é sim avaliar participativamente no sentido da construção, da conscientização, busca da autocrítica, autoconhecimento de todos os envolvidos no ato educativo, investindo na autonomia, envolvimento, compromisso e emancipação dos sujeitos.

Para Luckesi (2002, p. 81), a avaliação formativa

[...] deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos [...].

Alguns autores, tais como Pedro Martínez et al. (2017) e Sanmartí, Simón e Márquez (2006), já se apropriaram dessas transformações para pensar a avaliação de aprendizagem na disciplina de História atualmente. Assim, faz-se necessário adentrar esse debate como forma de subsidiar a análise das publicações periódicas e acadêmicas sobre o tema. A pesquisa realizada pelo professor Pedro Martínez et al. (2017), por exemplo, revelou que os professores de História e Geografia, apesar de compreenderem, teoricamente, a avaliação, em seu caráter pedagógico, possuía práticas que se revelaram mais tradicionais que suas concepções. Segundo o autor, nos programas de ensino de departamentos de História e Geografia de institutos educacionais da região de Murcia, na Espanha, foi possível notar que o instrumento mais utilizado para avaliar a aprendizagem dos estudantes era o exame com prevalência de exercícios que preconizavam a memorização de conteúdos conceituais.

A permanência de práticas tradicionais de avaliação na escola pode estar relacionada às dificuldades que as novas concepções de avaliação trazem para o professor. Sanmartí, Simón e Márquez (2006, p. 34) chamam a atenção para a necessidade de serem concebidos os novos instrumentos de avaliação e de serem introduzidos outros elementos no processo de ensino-aprendizagem, como as práticas de coavaliação e correção, em que o professor compartilha com os estudantes os conteúdos de ensino, os critérios de avaliação e as atividades para orientá-los previamente em suas tarefas. Também se faz necessário dar atenção

à diversidade, aos ritmos de apreensão do conhecimento e ao modo de comunicação dos estudantes, uma vez que, para gerar espaços coavaliativos, seja fundamental desenvolver formas de falar, escrever, explicar, argumentar e justificar, além de ser igualmente importante utilizar as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TDICs).

Outro aspecto a se considerar nas concepções atuais de avaliação em História são as características epistemológicas do conhecimento histórico. Nesse processo, contribuem autores, tais como Mario Carretero (1999), Joaquín Prats (2006), Peter Lee (2016) e aqueles já referenciados neste texto, Isabel Barca (2001) e Jörn Rüsen (2006). Segundo tais autores, algumas características definidoras da área são: as influências sociais e políticas dos conteúdos; a influência que os valores e as crenças exercem na mudança conceitual; a inexistência de fatos puros e a seleção deles, relacionada às concepções teóricas adotadas; a natureza do raciocínio, a qual é utilizada na construção dos conceitos, bem como seu elevado grau de abstração e polissemia; as explicações causais, multicausais e intencionais; a identificação de espaços histórico-culturais; a noção de tempo; o caráter narrativo e a construção da noção de evidência.

Desse modo, pensar a avaliação da aprendizagem em História, segundo as concepções da avaliação formativa, é uma tarefa complexa que, além de articular os elementos indicados, implica refletir sobre como projetar instrumentos e processos que se relacionem a graduações de habilidades específicas da área, bem como compreende criar estratégias para fazer com que os estudantes conquistem cada vez mais autonomia e compreensão acerca da própria aprendizagem.

Reiterando as transformações pelas quais passou o ensino de História atualmente, com destaque para Educação Histórica, Didática da História, Pedagogia das Competências e avaliação formativa, busca-se compreender como se deu a apropriação deste debate nos trabalhos acadêmicos e científicos da área. Além de ser apontada a definição das mudanças aqui elencadas como prevalentes, haverá atenção a outras possíveis contribuições ao tema nos trabalhos analisados.

Avaliação da aprendizagem em História: publicações periódicas

Com o objetivo de compreender como se encontra o debate sobre a avaliação da aprendizagem em História nas duas primeiras décadas do século XX, esta investigação se direcionou, por um lado, para a análise de artigos publicados em revistas científicas, as quais são voltadas para a pesquisa em ensino de História. Na determinação de tais periódicos, foi considerado o período de 2000 a 2020. Emergiram, assim, a *Revista História Hoje* e a *Revista História & Ensino*, pioneiras nas discussões sobre ensino de História no Brasil. Cabe dizer que, no quadriênio 2017-2020, ambas foram consideradas *Qualis A1* na área da Educação, o que garantiu o rigor teórico-metodológico, bem como o cumprimento da periodicidade de publicação, fatores determinantes para a composição do *corpus* documental deste artigo.

A *Revista História Hoje* é um periódico *on-line*, gerenciado pela Associação Nacional de História (Anpuh). Teve o primeiro número publicado em julho de 2003, com o objetivo de divulgar a produção historiográfica recente, os temas da atualidade e as experiências didáticas na Educação Básica e no Ensino Superior. Entre 2003 e 2011, a revista circulou, em formato digital, 14 números que não cumpriram uma periodicidade regular. No ano de 2011, houve uma reorganização que privilegiou o ensino da disciplina História, da mesma maneira que tornou a publicação mais constante, obedecendo a uma periodicidade semestral. Atualmente, apresenta a produção da área nas seguintes sessões: Resenhas; Entrevistas; E-Storia; História Hoje na Sala de Aula; Falando de História Hoje; e Bricolagens Históricas. Seu escopo de publicação é caracterizado da seguinte maneira pelo corpo editorial:

A *Revista História Hoje* publica artigos, entrevistas, resultados de pesquisa e relatos de experiências de trabalhos que privilegiem a articulação entre História, Ensino de

História e Formação Docente. A revista visa contribuir para as discussões desenvolvidas no Ensino Superior, na Educação Básica e em outros espaços educativos formais e não formais, além de criar um espaço institucional de debate relativo aos campos de trabalho dos profissionais de História, professores e pesquisadores (História Hoje, on-line)⁴.

A *Revista História & Ensino* é uma publicação on-line e física, do Laboratório de Ensino de História do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Seu foco é a divulgação de artigos inéditos, traduções, resenhas e entrevistas, os quais sejam relacionados ao ensino de História. Do seu início, em 1995, até 2010, teve uma periodicidade anual. Em 2011, passou por uma reestruturação que a tornou semestral. As seções apresentadas pelo periódico atualmente são: Editorial; Apresentação; Dossiê; Artigos; História da Educação; Fundamentos da Educação; História nos Anos Iniciais; Autor(a) Convidado(a); Tradução; Laboratório; Resenhas; Expediente e Divulgação. Em seu endereço eletrônico, é possível localizar o campo de discussão em que está inserida:

[...] ensino de história; educação histórica; metodologias para o ensino de História; aprendizado histórico; Didática da História; construção do saber histórico escolar; história da disciplina de História (escolar ou acadêmica); estágio de História; ensino de História extraescolar; História da Educação; currículo de História (escolar ou acadêmico); cognição histórica; relações entre Ensino de História e História Pública; formação do professor de História (História & Ensino, on-line)⁵.

Nos escopos de ambas as revistas, nota-se a prevalência dos assuntos relacionados à História como disciplina escolar, sem haver menção

⁴ Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/about>. Acesso em: 06 ago. 2024.

⁵ Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/about>. Acesso em: 06 ago. 2024.

específica à “avaliação da aprendizagem”. No entanto, compreende-se que a avaliação está intrinsecamente relacionada ao processo de ensino-aprendizagem, o que justifica a escolha desses periódicos para a investigação pretendida. Importante destacar que não há, no Brasil, até o momento, nenhum periódico que trate, exclusivamente, o tema da avaliação da aprendizagem no ensino de História.

O *corpus* documental das revistas foi acessado em seus próprios sites, de maneira on-line. A fim de perceber o tema, as palavras-chave, as tendências teórico-metodológicas, a institucionalidade e o ano de publicação dos artigos, foi desempenhada a leitura dos resumos e a construção de quadros analíticos que pudessem mostrar as tendências seguidas pelas publicações como um todo e, em especial, pelos trabalhos ligados à avaliação da aprendizagem em História.

Ao longo da periodicidade escolhida, 2000 a 2020, foram localizadas 724 publicações. No primeiro momento, a seleção dos artigos de interesse foi efetivada a partir da localização do descritor “avaliação”, presente no título e nas palavras-chave indicadas pelos autores. Posteriormente, a leitura dos resumos possibilitou a identificação dos trabalhos relacionados à “avaliação da aprendizagem”. Por último, a fim de analisar qualitativamente os trabalhos encontrados, foi realizada leitura investigativa dos textos completos.

Os Quadros 01 e 02 apresentam a seleção dos artigos que foram apontados como de interesse para esta investigação:

QUADRO 01: Publicações periódicas ligadas ao tema avaliação da aprendizagem na Revista *História Hoje* (2000-2020).

ANO	TIPO / SESSÃO	TÍTULO	AUTOR(ES)	INST.	PALAVRAS-CHAVE
2013	História Hoje na sala de aula	A promoção da educação histórica na escola: os desafios da avaliação diagnóstica em História.	Renilson Rosa Ribeiro e Cláudia Regina Bovo	UFMT UFMT	-Educação histórica -Avaliação diagnóstica -Ensino de História
2015	Artigo	O currículo mínimo, o ensino de História e o Sistema Estadual de Avaliação no Estado do Rio de Janeiro: reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem na escola básica.	Maria Aparecida da Silva Cabral	UERJ	-Ensino de História -Escrita escolar -Discurso histórico escolar

Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2024).

QUADRO 02: Publicações periódicas ligadas ao tema “avaliação da aprendizagem” na revista *História & Ensino* (2000-2020).

ANO	TIPO	TÍTULO	AUTORES	INST.	PALAVRAS-CHAVE
2005	Artigo	Avaliação e novas perspectivas de aprendizagem em História.	Marisa Noda	UEM	-Planejamento -Avaliação -Metodologias do ensino de História e aprendizagem em História

Fonte: elaborado pelos pesquisadores, 2024.

O primeiro aspecto observado foi a ausência de uma representação significativa da temática avaliação da aprendizagem na Revista *História &*

Ensino, havendo apenas um artigo publicado, e na *Revista História Hoje*, em que foram encontrados dois artigos sobre o tema, se considerado, em ambos os casos, o período que compreende os anos 2000 e 2020. Assim, não se pode dizer que o debate esteja consolidado nestes periódicos. No entanto, tais trabalhos, analisados de maneira qualitativa, permitiram a condução de uma ação exploratória que indicou caminhos e lacunas do campo.

Importa observar que todas as publicações examinadas se direcionaram para a compreensão da temática avaliação da aprendizagem no ensino médio e no segundo segmento do ensino fundamental, não sendo localizados trabalhos que tratassem, especificamente, a avaliação no primeiro segmento do ensino fundamental, o que evidenciou uma lacuna cuja superação demanda investigações e proposições por parte dos estudiosos dedicados à História como disciplina escolar.

Para responder como a avaliação da aprendizagem tem sido pensada pelos autores ante as transformações pelas quais passou o ensino de História na atualidade, com destaque para a Educação Histórica, a Didática da História, a Pedagogia das Competências e a avaliação formativa, buscou-se identificar e analisar a forma como o conceito avaliação foi utilizado nos trabalhos. É possível dizer, por exemplo, que a presença de termos, tais como avaliação formativa e avaliação processual aproxima os artigos de uma concepção de avaliação tida como instrumento de construção do conhecimento pelos estudantes nas aulas de História.

O artigo “A promoção da educação histórica na escola: os desafios da avaliação diagnóstica em História”, escrito por Renilson Rosa Ribeiro em parceria com Cláudia Regina Bovo e publicado em 2013 pela *Revista História Hoje*, tratou do processo de criação de um instrumento de avaliação diagnóstica dos saberes históricos a partir do desejo de criar projetos e oficinas que atendessem às necessidades dos estudantes e contribuíssem para potencializar e problematizar o processo de constituição da “consciência histórica”, instrumento conceitual que compreende as concepções de História produzidas em diferentes esferas da

vida, dentro e fora da escola. O artigo fundamenta-se nos preceitos de Cipriano Luckesi (2003 apud Ribeiro; Bovo, 2013), ao tratar do conceito avaliação diagnóstica, o que evidencia a compreensão da avaliação como um processo formativo cujo princípio é a consideração dos conhecimentos prévios/tácitos dos estudantes. Entretanto, nenhum outro autor, do campo da avaliação da aprendizagem, foi chamado ao debate. Importa dizer que, neste trabalho, foram referenciados autores que se aproximam das concepções teóricas da Didática da História alemã.

No artigo “O Currículo Mínimo, o ensino de História e o Sistema Estadual de Avaliação no Estado do Rio de Janeiro: reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem na escola básica”, publicado em 2015 na Revista História Hoje, Maria Aparecida da Silva Cabral (2015) buscou compreender como a reforma curricular se deu no cotidiano de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, a partir de 2012. Para compreender os processos de concepção, planejamento, transmissão e avaliação do conhecimento histórico escolar, a autora utilizou os registros de licenciandos de História em atividades de estágio. Tais documentos evidenciaram uma predominância de atividades escritas no processo de avaliação, bem como a presença de testes semelhantes aos do sistema de avaliação externa estadual, com foco na aferição de conteúdos conceituais. Apesar de apontar críticas a essa concepção avaliativa, o texto não apresenta debate pertinente à avaliação da aprendizagem em uma perspectiva formativa, o que se verifica pela ausência de conceitos próprios do campo, bem como dos autores recorrentemente chamados a tal discussão. Não há menção às demais transformações que incidiram sobre o ensino de História, desde as duas últimas décadas do século XX, como a Educação Histórica e a Didática da História.

No artigo “Avaliação e novas perspectivas de aprendizagem em História”, publicado pela *Revista História & Ensino*, em 2005, Marisa Noda (2005) buscou apresentar o método investigativo como proposta para a avaliação da aprendizagem nas aulas de História do ensino fundamental e

ensino médio, haja vista suas leituras, diálogos e experiências como professora da disciplina. Ao entender a avaliação da aprendizagem como parte da construção do conhecimento pelos estudantes, evidenciou o protagonismo discente nesse processo e utilizou conceitos, tais como avaliação formativa, avaliação em etapas e avaliação como processo, sustentando-se teoricamente na produção de autores brasileiros dedicados ao ensino de História, com ênfase na Didática da História, sem, contudo, apresentar as referências bibliográficas do campo da avaliação.

De maneira geral, os dados coletados revelaram que os autores dos artigos buscaram aproximação com a avaliação da aprendizagem nas aulas de História, sendo que, em um deles, foi verificada a manutenção dos métodos tradicionais de avaliação, com prevalência de aferição dos conteúdos em atividades escritas e testes semelhantes àqueles das avaliações externas. Houve uma tendência quanto à utilização dos conceitos pertinentes ao campo epistemológico da Didática da História, pois, além da obra do historiador alemão Jörn Rüsen (2010 apud Ribeiro; Bovo, 2013), alguns dos principais precursores de seu pensamento, no Brasil, estiveram presentes na bibliografia dos trabalhos investigados, alguns autores, entre eles: Maria Auxiliadora Schmidt (et al. 2010 apud Ribeiro; Bovo, 2013), Luís Fernando Cerri (2011 apud Ribeiro; Bovo, 2013); Oldimar Pontes Cardoso (2004 apud Noda 2005); Marlene Rosa Cainelli e Maria Auxiliadora Schmidt (2004 apud Noda 2015). A contribuição dos estudos no campo da Educação Histórica foi representada pela presença da historiadora portuguesa Isabel Barca (2001 apud Ribeiro; Bovo, 2013). Em relação à Pedagogia das Competências, amplamente difundida nos documentos curriculares brasileiros, não houve referência nos artigos analisados. Entre os autores que se dedicam contemporaneamente à compreensão da avaliação da aprendizagem no ambiente educacional, apenas o autor Cipriano Carlos Luckesi (2003 apud Ribeiro; Bovo, 2013) foi referenciado nos trabalhos investigados.

Avaliação da aprendizagem em História: publicações acadêmicas

Para a seleção dos repositórios institucionais investigados, buscou-se, nos dados das revistas *História & Ensino* e *História Hoje*, considerando a mesma temporalidade (2000-2020), as instituições de Ensino Superior citadas pelos autores como instituição de origem. Destas, emergiram oito mais indicadas pelos autores, a saber: Universidade de São Paulo (USP); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e Universidade Federal de Sergipe (UFS). Nos sistemas de pesquisa dos repositórios institucionais, foi utilizado o descritor “ensino de História”, na busca por palavras-chaves, tendo sido encontrados 155 trabalhos, entre dissertações e teses. Para promover o refinamento da escolha das teses e dissertações de interesse, foi efetivada uma busca, no título, pelo descritor “avaliação”, incluindo as variações “avaliações”, “avaliativo” e “avaliativa”. Assim, foram identificadas quatro dissertações de Mestrado, sendo duas de Programas de Pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória), além de duas teses de Doutorado. Nos quadros analíticos construídos para o mapeamento destas produções, procurou-se identificar o ano da defesa, o título do trabalho de pesquisa, o programa, o nome do autor, do orientador e da instituição. Todos estes dados puderam ser coletados a partir da leitura dos elementos pré-textuais.

Posteriormente, a leitura investigativa dos resumos e textos, na íntegra, possibilitou a identificação dos trabalhos relacionados à avaliação da aprendizagem, de modo que permaneceram, para análise, duas dissertações e uma tese. O Quadro 03 apresenta a produção acadêmica sobre a avaliação da aprendizagem em História:

QUADRO 03: Publicações acadêmicas (dissertações e teses) ligadas ao tema “avaliação da aprendizagem em História” em programas de pós-graduação brasileiros (2000-2020).

Ano	Tipo	Título	Programa	Autor	Orientador	Instituição
2017	Dissertação	O Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar (Paae) em Minas Gerais: interfaces entre práticas avaliativas e currículo de História no Ensino Médio.	PPG em Educação	Alex de Oliveira Fernandes	Suzana dos Santos Gomes	UFMG
2018	Dissertação	Uma proposta de instrumento de avaliação em História para o Ensino Médio: a prova objetiva e o sistema de múltiplas respostas.	ProfHistória	Laira de Azevedo Pinheiro	Helenice Aparecida Bastos Rocha	UERJ
2019	Tese	A (im)possibilidade e da avaliação no ensino de História: uma análise a partir de exercícios de livros didáticos.	PPG em Educação	Marcus Leonardo Bomfim Martins	Carmen Teresa Gabriel	UFRJ

Fonte: elaborado pelos pesquisadores, 2024.

Dos oito repositórios pesquisados, foi possível identificar trabalhos sobre o tema avaliação da aprendizagem em ensino de História nas seguintes universidades: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Estadual do Rio de Janeiro

(UERJ). Na primeira análise, observou-se a prevalência do debate sobre o tema na Região Sudeste do país. No período entre 2000 e 2020, o primeiro trabalho foi localizado no ano de 2017 e o último em 2019, o que indica uma produção mais recente sobre o tema.

Todos os trabalhos trataram do ensino médio, sendo que, destes, a tese “A (im)possibilidade da avaliação no ensino de História: uma análise a partir de exercícios de livros didáticos”, de Marcus Leonardo Bomfim Martins (2019), defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFRJ, em 2019, além de analisar as coleções didáticas do ensino médio também investigou livros didáticos de História do 9º ano do ensino fundamental. Ressalta-se a escassez de trabalhos pertinentes à avaliação da aprendizagem nas aulas de História do primeiro segmento do ensino fundamental.

Foi possível perceber que os trabalhos em destaque buscaram estabelecer uma interlocução com o cotidiano de professores e estudantes nas práticas avaliativas utilizadas na disciplina. A dissertação intitulada “Uma proposta de instrumento de avaliação em História para o Ensino Médio: a prova objetiva e o sistema de múltiplas respostas”, de Laira Azevedo Pinheiro (2018), se refere à avaliação do processo de ensino-aprendizagem, concentrando-se nos desafios e nas possibilidades de um sistema avaliativo de múltiplas respostas e pontuações. É o que se pode perceber também na dissertação “O Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar (Paae) em Minas Gerais: interfaces entre práticas avaliativas e currículo de História no Ensino Médio”, defendida no PPG em Educação da UFMG, em 2017, na qual Alex de Oliveira Fernandes (2017) procurou investigar as implicações do referido Programa nas práticas de ensino de História. Neste trabalho, o autor, ao observar, dentre outros aspectos, as estratégias avaliativas utilizadas pelos docentes de História no ensino médio, constatou, em linhas gerais, uma tendência à manutenção de atividades tradicionais de avaliação. Da mesma maneira, a tese de Marcus Leonardo Bomfim Martins (2019) buscou problematizar as aprendizagens históricas que têm sido legitimadas na

Educação Básica brasileira, a partir dos exercícios e das atividades que foram encontrados em livros didáticos de História. Ainda que o foco desta tese não tenha sido a avaliação em sala de aula, houve uma tentativa de aproximação com a temática por meio dos livros didáticos.

A partir do exame da bibliografia utilizada nas dissertações e teses analisadas, foi possível observar expoentes das discussões sobre a avaliação da aprendizagem no Brasil, tais como Cipriano Carlos Luckesi (2000; 2008 e apud Martins 2019), Jussara Hoffmann (1991 apud Martins, 2019). Em paralelo a isso, as produções acadêmicas identificaram a permanência de práticas tradicionais de avaliação nas aulas de História, as quais não consideravam diferentes tipos de conhecimentos (procedimentais, atitudinais), tampouco competências e habilidades, conforme evidenciado nos pressupostos do campo da Pedagogia das Competências.

Outro aspecto notado foi a presença tênue de referências ligadas ao campo da Educação Histórica nas produções acadêmicas. Apenas o artigo da historiadora portuguesa Isabel Barca (2011 apud Martins 2019) esteve presente na bibliografia da tese de Marcus Leonardo Bomfim Martins (2019). Os estudos do campo da Didática da História, representados pelo historiador alemão Jörn Rüsen não foram localizados nas referências bibliográficas.

Conclusões

As análises decorrentes deste estado da arte da produção científica periódica e acadêmica sobre a avaliação da aprendizagem em História no Brasil levaram à compreensão de que o debate sobre o tema ainda é recente e encontra-se em desenvolvimento. O primeiro artigo sobre o tema foi escrito em 2005 e a primeira dissertação foi defendida em 2017. Houve prevalência de estudos centrados nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, o que revela uma lacuna sobre o tema nos anos iniciais do ensino fundamental. No caso das publicações acadêmicas, foi possível notar predominância sobre o tema no debate na Região Sudeste do país.

Nas produções acadêmicas (teses e dissertações) e periódicas, percebeu-se a presença tênue da contribuição dos estudos do campo da Educação Histórica, representado pela historiadora portuguesa Isabel Barca (2001). O campo epistemológico da Didática da História esteve presente nas publicações periódicas sem, contudo, ter sido referenciado nas publicações acadêmicas. Em relação à Pedagogia das Competências, amplamente difundida nos documentos curriculares brasileiros, não houve referência nos trabalhos analisados.

De maneira geral, foram utilizados, pelos autores, os conceitos avaliação formativa e avaliação processual. No entanto, o diálogo com os autores do campo da avaliação educacional ainda é preambular nas publicações, sendo que, além de terem sido referenciados apenas Jussara Hoffmann (2012; 2014) e Cipriano Luckesi (2000; 2003; 2008), há trabalhos que, embora utilizem tais conceituações, não referenciam autores do campo da avaliação. Pode-se dizer que as publicações periódicas e acadêmicas buscaram estabelecer uma relação com as práticas avaliativas utilizadas na disciplina de História. Nesse movimento, alguns autores observaram a permanência do arquétipo tradicional de avaliação, com predomínio de atividades escritas e testes voltados para a aferição de conteúdos conceituais.

Para que a avaliação da aprendizagem em História possa contribuir de maneira significativa no processo de apreensão dos saberes pelos estudantes, é necessário que as investigações científicas (periódicas e acadêmicas) se detenham na discussão de práticas concretas da sala de aula e que materializem procedimentos avaliativos para favorecer a interseção entre conteúdos, competências, habilidades e objetivos ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem. Finalmente, é necessário evidenciar a demanda por investimentos na formação docente inicial e continuada, com intuito de propiciar alternativas aos usos mais tradicionais da avaliação da aprendizagem em sala de aula. Reitera-se a necessidade de estudos que se proponham a articular diferentes epistemologias ligadas aos campos da avaliação, da Pedagogia das Competências e do ensino de História.

Referências

- BARCA, I. Educação histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras, História*. Porto III, série, vol. 2. 2001. p. 13-21.
<https://doi.org/10.5433/2238-3018.2013v19n1p49>.
- CARRETERO, M. Perspectivas disciplinares, cognitivas y didácticas en la enseñanza de las Ciencias Sociales y la Historia. In: Carretero, M. et.al. *Construir y enseñar las Ciencias Sociales y la Historia*. Buenos Aires: Aique, 1999.
- FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 79, ago., 2002. Disponível em
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>.
- LEE, P. Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé: compreensão das pessoas do passado. BARCA, I.(org.). *Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Minho, Portugal: Centro de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia, 2003.
- LEE, P. Literacia histórica e história transformativa. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 107-146, abr./jun. 2016.
- LOCH, J. M. de P. Avaliação: uma perspectiva emancipatória. In: *Química na Escola*, nº 12, novembro, 2000, p.31.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 14 ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.
- MARTÍNEZ, P. M.; PUCHE, S. M. FERNÁNDEZ, J. M. Cuándo y cómo se evalúa en Geografía e Historia: fases e instrumentos de evaluación del profesorado de ESO: Análisis de entrevistas y grupo de discusión en la Región de Murcia. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 20(1), 187-199, 2017.
- PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens entre duas lógicas*. Porto Alegre, Artmed, 1999.
- PRATS, J. Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos. *Educar em Revista*, vol. 22, 2006, pp. 191-218 Universidade Federal do Paraná Paraná, Brasil.
- ROLDÃO, M. O lugar das competências no currículo – ou o currículo enquanto lugar das competências? *Educação Matemática Pesquisa*. São Paulo, v. 11, n. 3, 2009, p. 585-596.
- ROMANOWSKI, J. P. R.; ENS, R. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história; fundamentos da ciência histórica*. Trad. de E. de R. Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, J. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

SANMARTÍ, N., SIMÓN M. y MÁRQUEZ, C. (2006). La evaluación como proceso de autorregulación: diez años después. Alambique. *Didáctica de las ciencias experimentales*. Graó: Barcelona. n° 48.

Publicações Oficiais

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 21 fev. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Fontes:

Revista História & Ensino. Home. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Revista História Hoje. Home. Disponível em: [https://v.13.n.27\(2024\).Janeiro-Junho](https://v.13.n.27(2024).Janeiro-Junho) | Revista História Hoje (anpuh.org). Acesso em: 20 jan. 2024.

DA SILVA CABRAL, M. A. O Currículo Mínimo, o Ensino de História e o Sistema Estadual de Avaliação no Estado do Rio de Janeiro: reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem na escola básica. *Revista História Hoje, [S. l.]*, v. 4, n. 8, p. 328–347, 2016. DOI: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v4i8.194>. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/194>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MARTINS, M. L. B. *A (im)possibilidade da avaliação no ensino de História: uma análise a partir de exercícios de livros didáticos*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://ppge.educacao.ufrj.br/teses2019/tMarcus%20Leonardo%20Bomfim%20Martins.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

NODA, M. Avaliação e novas perspectivas de aprendizagem em história. *História & Ensino, [S. l.]*, v. 11, p. 143–152, 2005. DOI: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2005v11n0p143>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11843>. Acesso em: 25 fev. 2025.

PINHEIRO, L. A. *Uma proposta de instrumento de avaliação em história para o ensino médio: a prova objetiva e o sistema de múltiplas respostas*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/12114>. Acesso em: 25 fev. 2024.

RIBEIRO, R., Bovo, R. C. (2013). A promoção da educação histórica na escola: os desafios da avaliação diagnóstica em História. *Revista História Hoje*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 315–338, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v2i4.103>. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/103>. Acesso em: 25 fev. 2025.

Recebido em agosto de 2024.

Aprovado em janeiro de 2025.
